

Entrevistado: Nilson do Rosário

Entrevistadores: Sergio Goes de Paula e Eduardo

Nilson: Eu vou começar a falar com vocês, quando começar a gravar, sobre situações bem subjetivas, coisas assim que... Então, eles têm falado, os brasilianistas, um pouco contrariando as teses de que a reforma sanitária no Brasil foi baseada numa ampla mobilização social, foi um anseio da sociedade. Um pouco a versão que alguns autores falam, a tese da Sara Escorel sobre a reforma sanitária, os livros que foram publicados, todos tem uma tese de uma coisa de baixo para cima. Na verdade, costumam ter uma versão de que houve uma tomada do Estado de cima, a partir de uma certa circunstância muito especial que permitiu que uma junta política de intelectuais da saúde tivessem, rapidamente, influência dentro da estrutura de formação constitucional. Inclusive aproveitando para ser constituinte e recolocam um problema interessante que é o papel do conhecimento gerado sobre o sistema no diagnóstico da composição de uma política. Conhecimento que do ponto de vista foi [produzido] no Pese/Peppepe num período muito curto, cujo o impacto levou efeito sobre a formação da agenda política foi essa (ditadura) da coisa inédita no Brasil. De modo geral, outros autores competem nesta história de que as pessoas costumam ter categoria de sanitaria, depois vários cria a noção de novos sanitaristas, seria um... no contexto daquele período de produção intelectual, seria atores novos que romperam a tradição anterior do sanitarismo mais associado a noção saúde pública clássica. Quando eu estava pensando em o quê conversar com vocês hoje, aqui, acho que seria legal dar uma olhadinha... estava aqui eu acho, nas fotos lá embaixo... São fotos bizarras, no quarto andar, na inauguração, no aniversário da Ensp.

Sergio: As do Vitor né?

Eduardo: Como?

Goes: As fotos que o Pedro Teixeira tem lá.

Nilson: A exposição...

Eduardo: Ah, eu vi. Eu não tenho... só seminário que a gente fez só.

Nilson: Eu estava viajando, até liguei para o Sergio, não estava aqui no Rio, estava fora do país, não consegui estar aqui. As fotos mostram o seguinte, a Ensp era uma instituição que tinha uma relação bastante cordial com o regime militar...

Sergio: Vamos começar a gravar, gente.

Nilson: Vamos... Vou falar um pouquinho sobre a minha memória, minhas percepções sobre Peses/Peppepe.

Eduardo: Vamos primeiro pegar as memórias, depois as percepções. O que é o entendimento...

Nilson: O Peses/Peppepe foi para mim, que vim trabalhar como auxiliar de pesquisa no começo, depois eu me transformei em assistente ao longo do processo...

Eduardo: Quem convidou você para vir aqui?

Nilson: Foi a Ana Clara Torres Ribeiro e a Isabel Picaluga. Eu trabalhava com elas, com a Ana Clara, como pesquisador no Ibrades. O Ibrades era um... não sei se existe ainda, era uma instituição de pesquisa do CNBB.

Eduardo: Com quantos anos você estava na época, você estava no princípio, quantos anos você tinha?

Nilson: Uns vinte e cinco, vinte seis anos.

Sergio: Isso foi em [19]76?

Nilson: É.

Eduardo: [19]77.

Nilson: Acho que [19]76. Eu trabalhava na época como pesquisador, eu trabalhava em pesquisa de campo no Ibrades. Nós fizemos várias pesquisas sobre as condições de vida em algumas favelas. Então eu coordenei um projeto de pesquisa lá em Senador Camará...

Eduardo: O que era o Ibrades?

Nilson: O Ibrades era...

Sergio: O Instituto Brasileiro de Desenvolvimento, era uma coisa ligado à Igreja, ali na rua Bambino.

Nilson: A CNBB tinha essa iniciativa em relação a este diagnóstico da condição social brasileira, depois rodou também o interior do Rio de Janeiro fazendo pesquisa com a população rural e também... camponesa na verdade, pequenos proprietários isolados. Eu trabalhei nisso e por força desse processo eu fui convidado depois pela Gisele Potengi, na época Grabois, para trabalhar numa pesquisa na Engevix. Eu trabalhei durante um ano na Engevix com elas. Depois a Engevix me contratou para ser

funcionário e aí neste momento surgiu o Pese/Peppepe e eu um pouco acompanhei assim a negociação. E na verdade me chamava a atenção é que todo (o grupo) em relação ao estado brasileiro, a estrutura estatal era algo extremamente estranho em vista da relação política desses pesquisadores, intelectuais e como se fosse, digamos assim, uma mudança de paradigmas ainda do setor das ongs, depois fui trabalhar numa empresa privada, eu ganhava o dobro do que me ofereceram para trabalhar aqui no Pese/Peppepe e era um salário relativamente alto. Na Engenvix eu tinha um salário altíssimo e eu resolvi apostar. Fiz a aposta e vim para cá e foi uma experiência fantástica, um pouco... nós construímos uma agenda, a partir do zero, de um aprendizado que era sair do... trabalhava com a [assistência] sociológica para começar a pensar pesquisa histórica, com documentação...

Sergio: Qual era o projeto de vocês? Era na Paraíba, né?

Nilson: Nós analisávamos as campanhas sanitárias.

Eduardo: Era o projeto da Madel?

Nilson: Não, a Madel estava no IMS, quem estava coordenando era a Ana e a Isabel Picaluga, o projeto se chamava “Campanhas Sanitária no Brasil.

Eduardo: Mas a Madel tinha um estudo...

Nilson: A Madel tinha estudo sobre instituições médicas.

Eduardo: Que instituições?

Nilson: Trabalhava uma coisa mais da Previdência, **profissão de saúde na medicina brasileira**. O nosso era mais a questão do corpo da tradição sanitaria de Oswaldo Cruz. Como tinha um pouco daquele negócio do Tratado de Tordesilhas, tinha uma separação entre o que era esfera das campanhas da saúde pública versus a esfera da previdência e assistência médica. Então um pouco a Madel...

Sergio: Você tem esse material de pesquisa?

Nilson: Existe uma pesquisadora aqui na Escola que fez uma entrevista comigo e eu sugeri, na época, uns oito anos, isso, que ela fosse na Finep e ela conseguiu os microfilmes na Finep, relatórios das pesquisas de campo das campanhas sanitárias. Ela tem os microfilmes e eu posso... Na Finep é tudo microfilmados, todos os arquivos.

Sergio: Que maravilha.

Nilson: Essa notícia para vocês: ela conseguiu levantar, essa parte ela tem. A Finep tem tudo, ela falou para mim, tudo microfilmado. A história da Finep ou algo parecido. Então é possível, certamente, resgatar esse trabalho.

Sergio: Mas ela tem, de qualquer forma?

Nilson: Ela tem, eu vou... Ela sempre passa por aqui, trabalha nesse andar do DCS. Então isso foi...

Sergio: Se você conseguir vai ser uma glória para a gente.

Nilson: Eu vou falar com ela tá?

Sergio: Tá.

Nilson: Porque as duas pesquisadoras faleceram, a Ana e ...

Sergio: A Ana faleceu?

Nilson: Faleceu, a Ana e...

Sergio: Recentemente, né?

Nilson: Ela era fumante radical e eu acho que ela teve um enfisema e depois uma insuficiência respiratória e morreu abruptamente. Deve ter uns quatro anos.

Eduardo: A Isabel morreu antes?

Nilson: A Isabel morreu de um erro médico, fez uma cirurgia e um erro no procedimento médico, faleceu na mesa operatória, assim me falaram. Tem um neto dela que trabalha aqui na editora da Ensp.

Eduardo: Deixa eu falar uma coisinha, eu me lembro que foi você quem trouxe a Isabel e a Ana Clara. Como é que foi esse negócio de fazer essa cadeia com as duas?

Sergio: Provavelmente foi via Fase, por ali, que Jorge Eduardo atuava alguma coisa por aí, talvez Leilah. Eu era casado com Leilah. O Peses era muito... tinha essa pesquisa.

Nilson: Leilah Assumpção, não é isso?

Sergio: Leilah Assumpção.

Nilson: Leilah era uma pessoa que trabalhou durante um período muito curto no trabalho lá do Ibrades, depois ela migrou para a Fases. Tinha umas conexões... que a Leilah frequentava muito, socialmente, esse círculo de pessoas.

Sergio: Exatamente. Deve ter sido pela Leilah, como foi a Tatiana Lins e Silva, foi também pela Leilah, ela fez uma pesquisa mais antropológica no Pará. Eu não me lembro qual era o tema dela.

Nilson: A Tatiana ainda está disponível, né?

Sergio: Está, a Tatiana acho que nem mora mais aqui, na verdade quem eu acho mais interessante conversar sobre isso aí é a Emília. Se lembra da Emília, que trabalhava com a Tatiana?

Nilson: Trabalhava na Fase.

Sergio: Trabalhava na Fase também, enfim...

Nilson: A Tatiana seria legal conversar também, ela tem uma memória muito diferente porque ela foi... como ela tinha uma militância política talvez acima do padrão na época ela foi muito punida, muito severamente, por conta de seu passado político. Então ela não conseguiu nunca mais, salve engano, voltar ao contrato de trabalho que ela tinha aqui. Ela certamente foi uma pessoa que foi cassada certamente de uma maneira brutal. Essa cassação... As três foram, na verdade, a Ana Clara, a Isabel e a Tatiana foram expurgadas.

Sergio: Foram expurgadas.

Nilson: Porque na verdade tem uma necessidade de reconhecimento em relação ao que elas sofreram, foram punidas por questões políticas, a instituição se silencia sobre esse passado. Eu acho que isso é meio grave, porque na verdade... eu trabalhei aqui um ano e oito meses a dois anos, no máximo, depois toda a equipe foi expurgada, eu saí junto. Foi um período longo...

Sergio: Foi e acabou, né? É que na verdade vocês terminaram o projeto.

Nilson: Terminou assim de uma maneira abrupta. Não conseguimos... fizemos o trabalho braçal e não conseguimos mastigar, digerir, refinar. Se você ver os relatórios, estão precisando de um refinamento, não teve tempo. Foi uma desorganização muito grande, o pessoal ficaram sem emprego, né? Então foi uma desorganização pessoal grande. Um ano meio, dois anos depois ou três anos depois, se não me engano, houve um...

Sergio: Em que ano você diz isso?

Nilson: Ai já era [19]81 ou uma coisa assim.

Eduardo: Eu estou achando que... o meu pedaço, eu tenho falado com ele uma coisa que nós temos que colocar o marco de anos aqui de alguns eventos de minha memória ser mais localizada. Você entrou em [19]76, eu acredito que foi, eu tenho certeza que em [19]76, [19]77, [19]78 foi um marco ... Já deve ter sido em [19]78 ou começo de [19]79 no máximo onde nós estamos. Foi o expurgo que você falou. O expurgo foi neste momento?

Nilson: Foi.

Eduardo: A minha memória está atrelada ao seguinte: eu era um dos coordenadores do Peses/Peppepe, era eu, o Sergio fazia duas mãos com o...

Nilson: Arouca.

Eduardo: Sergio Goes com Sergio Arouca, porque ele não era da instituição, porque embora nós já estivéssemos começado ele não era da instituição, então nós tínhamos trazido o Arouca, mas num determinado momento, exatamente por essa razão, vem uma ordem de Brasília que eu tinha que ser tirado de qualquer coordenação em que eu estivesse, em particular do Peses/Peppepe. Eu estava coordenando um mestrado, para organizar um mestrado, eu era o coordenador disso e mais um negócio que era aquele Tas. Tinha pouca gente, e eu estava fazendo muitas coisas. De qualquer modo, veio essa ordem que era para tirar, que era tudo em função do SNI, não diziam para mim que era do SNI, diziam que o ministro não estava de acordo, que eu... em razão que eu acho que era da meningite, esse tipo de coisa.

Sergio: Qual era o ministro na época?

Eduardo: Paulo de Almeida Machado.

Sergio: Paulo de Almeida Machado.

Eduardo: Era o ministro. Mas eu sabia que estava ligado ao episódio da ficha do SNI, que mandaram todos do Peses/Peppepe assinar, de resto estava muito dirigido ao Peses/Peppepe, preencher as fichas do SNI.

Nilson: É que tem um paradoxo que é difícil explicar para os jovens, que estão pesquisando que ao mesmo tempo que tinha um regime repressivo, ele abria uma janela num momento pequeno de sua história para que a saúde... a política pública de saúde virasse um objeto de pesquisa que gerou recomendações, o grupo de pesquisa gerou recomendações que confrontavam totalmente com os caminhos da política de então. Um pouco é que as coisas ficaram, digamos assim, fortemente estruturadas o pensamento da saúde pública brasileira que é a questão da saúde coletiva que é a

questão de ter um diagnóstico que é assim “mais é menos”. A expansão da previdência da saúde e a expansão via o processo de privatização e prestação de serviços era algo visto como uma anomalia, como algo que era uma fonte de mal-estar. O que é um paradoxo. Naquele momento, no passado, as assistências sociais trabalhando do outro lado, tipo o texto do Wanderley Guilherme, da justiça, que escreveu em [19]79, publicado o primeiro volume, a primeira edição, olha como paradoxo como o regime se move para criar um sistema de proteção social, não trivial e tem essa posição que você leu. Eu estava relendo. até pouco tempo, com os alunos é uma posição que tem extremamente de um hipercreticismo que coloca uma série de questões importantes sobre...

Sergio: Hiper o que?

Nilson: **Hipercreticismo**, sobre a expansão do Estado via expansão da prestação privada, isso é um paradoxo. Na verdade o que o regime... uma pergunta que não tem resposta, **mirou**. Não tem assim... Certamente havia uma percepção de que o setor de saúde era irracional, do ponto de vista... O trabalho que você fez com o...

Sergio: Com o Braga.

Nilson: Com o Braga, um pouco mostra isso. **Tinha uma situação para além que seria sustentável**... Se pensasse se tinha alguma racionalidade nesse processo, no caso, tinha uma necessidade de se refletir sobre o setor saúde dada a conjuntura, embora esse processo fosse bem mais simples. De qualquer maneira, é um paradoxo. A minha impressão subjetiva é que a infraestrutura que o Peses construiu nesta Escola e a ruptura com as praticas acadêmicas aqui existente e o estranhamento entre o Peses/Peppe e o dia a dia da instituição é uma coisa gritante, como se fossem dois mundos.

Sergio: Dois mundos.

Nilson: Não tem como escrever uma história da Ensp sem mencionar que o momento em que o Peses/Peppe chega, também no IMS pode ser implicada a mesma coisa e também a Uerj, a Uerj em pesquisa em saúde, sem que se demonstre que o Pese/Peppe foi uma ruptura de paradigma sem precedentes, porque até hoje a instituição não... porque até hoje tem uma certa modernização disciplinar no sentido tanto da **criminologia** trazendo para o campo da pesquisa como na área de economia e políticas.

Sgos: Não havia pesquisa em ciências sócias aqui na Escola.

Nilson: Nem no Brasil, talvez.

Sergio: Não, havia alguma coisa no Instituto de Medicina Social, alguma coisa em São Paulo, talvez.

Nilson: Certamente havia a Donangelo.

Eduardo: Pouca coisa.

Sergio: Pouca coisa, o Peses foi uma exceção.

Eduardo: Neste sentido, dizer que a Uerj tinha um trabalho que foi sobre medicamentos, entendeu? Com uma perspectiva, evidentemente, ampliada, não chegava a caracterizar nenhum tipo de pesquisa social que a gente tem hoje. Era uma pesquisa típica da época, de levantar dados sobre a produção da indústria farmacêutica. Era um trabalho do tipo de economia entre aspas no campo da saúde, de levantar... Mas ele tem um certo início ali na Medicina Social, só isso. Ninguém explicou nada lá.

Sergio: Uma coisa que você está chamando a atenção agora, e que bom que a Finep tem esses microfimes, porque, na verdade, quando você fala de Medicina Social e Peses/Pepe. Não era o Peses/Pepe, era um financiamento da Finep para o Instituto de Medicina Social como é ao mesmo tempo, simultâneo, ao do Pese/Pepe. Na verdade, o que você vê é que a Finep, neste caso, foi de uma importância radical.

Eduardo: Eu entendo, só que lá tinha antes (daquela).

Sergio: É tinha (aquela) que foi, exatamente.

Eduardo: Quando começou e permitiu vinda do Garcia.

Sergio: Exatamente.

Nilson: Tinha uma convergência, o Garcia foi uma pessoa importantíssima, como também o Berlinguer.

Eduardo: Mas foi depois, bem depois.

Sergio: Berlinguer foi depois.

Eduardo: Na década de [19]80.

Nilson: O Garcia circulava nas salas, era uma pessoa de uma simplicidade, sensibilidade, era um gentleman. Então tinha essa coisa de... Entrava na minha sala e ficava horas dando indicativos...

Sergio: A generosidade do Garcia era uma coisa inimaginável nos tempos de hoje.

Nilson: Inimaginável.

Eduardo: Era o Garcia?

Sergio: Ele falava, realmente ele dava o tempo dele para as pessoas como se não fosse morrer nunca.

Nilson: Porque na verdade a gente vai casando, descasando, separando e seus acervos que fica na gaveta da ex-mulher...

Eduardo: Você quer dizer casamente objetivamente?

Nilson: Objetivamente. Os casamentos destroem a memória...

Sergio: Destroem a memória pessoal.

Eduardo: Tem gente que é assim, isso também é uma nova forma de (proteção)...

Nilson: Se eu soubesse que ia ter tantas perdas documentais eu jamais me separaria na vida. Porque agora que eu estou casado há muito tempo, eu vejo que meus documentos estão todos lá, bonitinhos, se eu me separar... “vamos separar” “Nunca, você vai embora, da casa eu não saio”. Nunca mais saio da minha casa.

Eduardo: Para não ter que botar fora os papéis.

Nilson: Exatamente, os papéis desaparecem, as fotos, mas é isso. Esse processo foi um processo... Se do ponto de vista pensar o objeto do trabalho, a história da Escola tem essa ruptura. Na verdade, o que eu estava falando, antes de vocês começarem a gravar, a exposição lá do quarto andar é que tem uma construção imaginária da Escola que deve ter sido do contexto antes da ruptura do Peses/Peppe, que era um sonho imaginário ou real da ideia da fonte de legitimidade da Ensp baseada no laboratório e nas relações formais, ritualísticas com o regime. Porque todos os grandes professores estão confortavelmente em tertúlias com os... O Castelo Branco faz uma visita à Escola...

Eduardo: Ele criou isso aqui.

Nilson: O Castelo Branco? O prédio inclusive?

Eduardo: É, em [19]66, veio pra cá, ele veio inaugurar o prédio.

Nilson: Eu nem sabia.

Eduardo: Ele veio para cá, Raimundo de Brito e Castelo Branco estiveram aqui. O Costa e Silva esteve aqui.

Sergio: O Costa e Silva esteve aqui.

Eduardo: O Costa e Silva esteve aqui na abertura da Conferência Nacional de Saúde e foi nesta Escola.

Nilson: Esta parte que é obscurecida e que as fotos...

Eduardo: Nós vamos contar.

Nilson: É bom colocar porque você tem o nível de formalização estética... quando nós chegamos aqui estranhava-se um pouco porque tínhamos professores que se vestiam em padrão normal da época, de calças jeans, barbudos, noventa por cento de barbas imensas, ou parecendo um pouco assim, num estilo riponga, meio hippie, com os professores tradicionais, que todos andavam de jaleco, então eram conflitos normativos e estéticos, quero dizer, quase todos.

Eduardo: Era laboratório, né?

Nilson: É muito curioso, na verdade, a percepção, e até hoje ,quando você conversa com professores mais tradicionais, eles fazem uma reclamação sobre o abandono da tradição laboratorial, que os alunos não conhecem laboratorialmente o que é... sei lá, a esquistossomose, não tem nenhuma praxe de conhecimento, digamos, biológico, biomédico das doenças transmissíveis. Aí eu tenho que explicar, houve uma mudança de paradigma, talvez. Uma mudança de ênfase... foi nesse momento. Essa é a história que foi importante, de qualquer maneira, eu acho que a Escola, naquele momento, pegando o Peses/Peppe, ele traz uma certa estrutura nascente da luta partidária ou da estrutura partidária, primeiro com duas grandes forças políticas que estão aqui atuando, e uma coisa também pouco conhecida, que era a militância médica no Partido Comunista, PCB, poucos estudos falam sobre isso, talvez, só, por exemplo, a Amélia Cohn, naquele texto dela bastante interessante sobre a revolta sanitária, que ela menciona o silêncio sobre o papel do Partido Comunistas na reforma sanitária. Porque de fato conversando com alguns colegas, olhando assim, por exemplo, tinha uma articulação importante dos médicos que **discutiam esta série, clandestinamente**, no sistema de saúde. Então isso é importante, porque teve uma das convivências mais – talvez tensa – foi essa coalizão centro-esquerda independente, neopetista... o PT ainda estava em processo de construção, tinha uma esquerda difusa que tinha acabado de ser destruída...

Sergio: Que éramos nós, né? E o pessoal que veio de Campinas que eram comunistas, todos.

Nilson: Exatamente.

Sergio: Inclusive o Arouca.

Eduardo: Tinha os simpatizantes, né?

Sergio: Não, mas era toda uma articulação com o partidão.

Nilson: Esta história é submersa, porque eu estava conversando com um médico daqui, que é uma pessoa admirável, que é o Valter Mendes, que é professor aqui, e na época ele era estudante de medicina, ele fala que essa estrutura da articulação partidária era bem mais ativa e bem mais viva do que a literatura mostra. As pessoas tinham uma articulação orgânica em relação à liderança de Sérgio Arouca (ou) grande liderança comunistas, então não era...

Eduardo: Mas também isso veio depois.

Nilson: Isso surgiu depois, você acha?

Eduardo: Isso veio depois, eu participei desse movimento médico, aqui do Rio de Janeiro, numa fase barra pesada, [19]68, [19]69...

Nilson: Mas era um movimento independente de esquerda, não era vinculado ao partidão.

Eduardo: É, tinha o partidão, mas era contra. Estava de fora porque era contra, ela era do tipo revolucionário, para a época. Vários foram para a guerrilha lá dentro do Sindicato dos Médicos e mesmo no Cremerj, que era um pouco mais... tinha mais partidão, entendeu? O Sindicato Médico era completamente esquerdista naquele sentido de contestador da ditadura, do regime.

Nilson: Com certeza. Essa história, de qualquer maneira, também aguçou muito a unidade, quero dizer, ameaçou muito a unidade política do processo Peses/Peppe.

Sergio: Do projeto?

Nilson: Do programa Peses/Peppe, que foi muito afetado pelo orçamento e pela disputa da hegemonia do partidão com relação à hegemonia dessa condição, da discussão setorial do tema da política. A despeito, você olhando a literatura e vendo as referências da época, você, do ponto de vista intelectual, não havia nenhuma divergência substantiva sobre o que se pensasse ou escrevia a disputa política ela era muito dura em relação a um certo estranhamento dos comunistas na saúde pública do momento em

relação a esse exército brancaleone que começou a pesquisar sobre o ponto de vista das ciências sociais, não foi uma das convivências das mais tranquilas, eu acho.

Sergio: Nada tranquila.

Nilson: Eu acho que isso explica um pouco o abandono que alguns ficaram nesse processo.

Sergio: Abandono de...?

Nilson: Que esses pesquisadores como a Ana, a Isabel e a própria...

Sergio: Quando foram expurgadas.

Nilson: Por mais que pareça que o regime era fechado, mas tinha aí uma disputa que...

Sergio: Elas não eram das deles, eles não se mobilizariam por elas.

Nilson: Existe uma dificuldade, digamos assim, de memória, de você fazer a ideia dessa questão da anistia. Tem uma história que é um pouco a disputa da esquerda com a esquerda que levou a uma reeleitura, que pode ser muito imparcial, eu olhei do lado de fora do componente de exército brancaleone na esquerda do Peses, eu achei que elas ficaram muito abandonadas ao longo de todo o tempo. **Elas foram reconhecidas pelo que poderia fazer, não tiveram tempo, né?**

Sergio: Quais eram os projetos de pesquisa do Peses? Era o... você lembra o título que você trabalhava?

Nilson: O título era "A institucionalização das campanhas sanitárias no Brasil"

Sergio: Que era a Isabel Picaluga, a Ana Clara Torres Ribeiro, você e tinha mais alguém?

Nilson: Trabalhou um pouquinho o Luis Fridman, trabalhou Ângela...

Sergio: Ângela Monteiro, né?.

Eduardo: Quem trabalhava com a Regina Bodstein?

Nilson: A Regina trabalhou com você, eu acho, ela não trabalhou nas ciências sociais não

Eduardo: A Regina era assistente social.

Nilson: Ela veio trabalhar na parte **criminológica**, eu não sei porque razão.

Sergio: Tinha o seu da campanha, depois o da Tatiana, que era sobre o quê?

Nilson: Eu não me lembro, sobre alguma coisa... você falou sobre alguma coisa sobre antropologia...

Sergio: Lá no Pará, eu não me lembro o que era.

Nilson: Tinha a pesquisa do Jaime Oliveira e da Sônia Fleury sobre a previdência social no Brasil, e depois trabalhou também junto a Cristina Posses, também trabalhou um pouquinho. Tinha um trabalho sobre a questão das doenças cardiovasculares...

Sergio: Não, esse era Peppe. Tinha o projeto do Sergio Arouca, que era o levantamento de departamentos de medicina preventiva no Brasil, que era o Sérgio Arouca e o Caniço. Como era o nome do Caniço? Não me lembro mais o nome do Caniço

Nilson: Mas isso é fácil de achar, tá?

Sergio: É e tinha o meu e do Braga.

Nilson: O seu era economia da saúde ou algo parecido.

Sergio: É.

Nilson: Mas tudo isso tem nos livros, quando você olha nos agradecimentos sempre tem uma barra em baixo dizendo “projeto foi desenvolvido no âmbito disso...”

Eduardo: Que livros?

Sergio: Só me lembro do meu, que outro livro foi publicado?

Nilson: A minha tese de mestrado no IUPERJ foi feita em cima do... a primeira parte do estudo sobre Oswaldo Cruz que eu fiz, elas me permitiram defender como tese. O livro “Lutas urbanas”, na verdade tem esse título, mas, na verdade, o título original foi “Políticas públicas e campanhas sanitárias no Brasil”, o título original. Mas na hora de fazer o título alguém maluco falou assim: “Vamos colocar um título de venda ‘Lutas urbanas’”.

Eduardo: Esse negócio de título que não vende.

Nilson: Eu sei que um dia eu estava sentado com meu ex-cunhado e ele falou assim “Nilson, os títulos de seus livros são totalmente provocadores”, um absurdo, ele era um dirigente de banco, sabe? “Porra, que tipo de títulos é esse, ‘demandas populares’, ‘lutas urbanas,’ você está maluco?”

Eduardo: É para vender.

Sergio: Mas tinha outras pesquisas no Peses? Eu tinha me esquecido completamente da...

Eduardo: (Lições) médicas era do Peses.

Nilson: (Lições) médicas foi da Madel, nós temos que localizar e eu acho que valia a pena fazer uma entrevista...

Eduardo: Com a Madel.

Nilson: Com a Madel, e uma entrevista com Hésio e pegar um pouco essa outra dimensão. Porque o Hésio, ao contrário do Arouca, aí teria um pouco que pesquisar mais, ele fez no começo uma carreira bem mais acadêmica do que fez o Arouca. Ele teve uma produção intelectual que sobreviveu ao tempo, do ponto de vista da organicidade, pensar a economia política do sistema nacional de saúde naquele momento. Eu acho que ele identificou do ponto de vista complexo, um pouco o trabalho que você trata disso bastante, mas o Hésio trabalhou a empresa de produção de medicamentos, trabalhou a empresa de planos de saúde.

Sergio: Naquele tempo a gente chamava de complexo.

Eduardo: Os planos de saúde – ali apareceu o nome –, mas, na verdade, o nome vem de outra origem, porque estava na moda e o Landman tinha uma importância grande e aproveitou.

Nilson: Landman.

Eduardo: O Landman (aproveitou) com o carimbo na mão, uma coisa de complexo médico...

Sergio: ... hospitalar.

Eduardo: Não, complexo médico... primeiro foi complexo médico militar. Ele ficou muito condicionado, eu me lembro das conversas que eu tive com ele. Depois ele veio com esse negócio de complexo médico industrial, mas ele não escreveu sobre isso. Ele era assim, meio agitado...

Nilson: Ele escreveu alguns livros, mas livros mais panfletários, não tem um livro publicado, interessante.

Eduardo: Ele era contra os conselhos regionais de medicina, ele era furioso contra a existência desse tipo de coisa, que era o Departamento de Estado, ele tinha umas coisas assim.

Nilson: Ele era um cara muito interessante, essa sua chamada aqui é muito importante, porque de fato o cara que introduziu no Brasil uma preocupação com o complexo médico industrial **com o nome da saúde** foi o Jaime Landman. O Hésio tem uma obra. Por exemplo, eu fiz uma disciplina no ano passado para os doutorando aqui da Escola, só sobre a ação no campo da saúde coletiva. Nós lemos todos os originais que foram publicados na época. Eu chamei um professor da casa, com alguma afinidade sobre o assunto, para fazer o resumo de uma hora, no relógio, do livro ou da obra e depois...

Sergio: Qual? Do Landman?

Nilson: Não, do Landman eu não cheguei, mas a obra o *Dilema preventivista*, tem em livro, *As empresas médicas no Brasil*, do Hésio Cordeiro, o livro da Madel, o seu livro, nós fizemos vários. Pegamos também o pensamento internacional que influenciou: Berlinguer, Ivan Illitch, pegamos duas obras do Foucault, menos o Canguilhem, *O normal e o patológico* e aquele...

Sergio: E o livro do filósofo, do Roberto, *Danação da norma*?

Nilson: Do Roberto Machado, o *Danação da norma*. O Roberto Machado, na verdade... toda a disciplina foi baseada na proposta que o Roberto Machado faz no texto, ele faz um livro sobre o Foucault, que é um livro poderosíssimo.

Eduardo: O Foucault veio para cá, inclusive.

Nilson: Mas é isso então, na verdade, voltando à questão dessas minhas memórias desorganizadas...

Eduardo: Só para lembrar, o Foucault foi para o IMS, mas não veio para a Ensp.

Sergio: Não, veio não, veio para o IMS.

Nilson: Isso foi em [19]74, né? Ele esteve aqui em [19]74.

Eduardo: **Eu estava digestando... essa coisa da gestão pública parte da gestão de ideias.** Foucault tinha (?) na medicina social, até por duas razões também. **A boa ideia de também pegar o Hésio o nosso mundo fica muito amplo, é uma grande família.** Porque o Hésio... a pós-graduação dele que não foi formal, foi um doutorado ou coisa parecida, ele passou um ano estudando sociologia médica nos Estados Unidos. Isso logo depois de formado, ele era do Partido Comunista junto com aquele pessoal que estava lá, aqui no Rio, como o Reinaldo, também era daquele tempo. Quando o Arouca vem para cá, vem do Partido Comunista de São Paulo, tem uma tensão entre eles inicial, grande também, bem grande. Porque tinham um outro caminho que não era bem o caminho intelectual

do Arouca, digamos que bem diferente do que eles tinham lá, e que era gente mais médica mesmo. Porque o Arouca não chegou se completar como médico, a sensação que dá. Porque ele conhecia muito pouco de qualquer coisa concreta sobre medicina, ele fez um curso médico que nem talvez o (?) que ia lá para assistir as aulas, para fazer a crítica.

Nilson: Ele era um... o Arouca era um quadro político, basicamente político, na verdade para o bem e para o mal. Para o bem, porque ele conseguiu deslocar a Ensp e depois foi rapidamente o prestígio político que ele conseguiu na alavancagem partidária, ele conseguiu rapidamente levar uma certa agenda da reforma para a Fiocruz. Esse movimento é um movimento de conceito, claro, tem uma mudança de escala.

Eduardo: Isso em [19]85, o cara já não tem o index em [19]85. A atuação do Arouca de verdade, nacional, nesse sentido político, começa com a designação dele para a Fiocruz, que não tinha...

Sergio: Começa como presidente?

Eduardo: Começa como presidente.

Sergio: Eu acho que não, para ele ser designado presidente ele já deveria ter um prestígio, um conhecimento...

Nilson: Foi um processo de (?).

Sergio: Eu conheço o Arouca desde [19]78 quando ele...

Eduardo: Tem uma versão para isso como um participante direto, a discussão é o seguinte: ele tinha recém-voltado da Nicarágua, tinha passado pela Opas, o Arouca está muito distante daqui nos últimos anos. Então eu tenho claramente isso daí, porque eu absorvi quando ele voltou, na Secretaria de Saúde, porque aqui estava ruim, ele estava num departamento, uma coisa que não tinha muito significado e ele estava muito na dúvida sobre os caminhos. Quando surgiu aquela coisa da caída da (?), houve uma decisão que era completamente cúpula da Fiocruz que ia levar...

Sergio: Completamente o quê?

Eduardo: Da cúpula, da gente ali. Quem levar para... o nome para presidente da Fiocruz, tentaram fazer o trabalho pro cara. Aí há uma [impressão] que é mentirosa, que o Arouca foi eleito, nada disso. O que aconteceu foi o seguinte, havia... eu não estou falando isso por ser uma pessoa que estava lá... havia uma certa projeção minha, na época, por ser secretário de Saúde, e tal, e chegaram em comitiva para me convidar

para presidente e eu tinha que sair de lá. Eu disse: “Eu não posso sair daqui, isso é uma coisa impossível.” E o nome que colocaram pra gente, o próprio Reinaldo foi um desses que foram conversar comigo na Secretaria e disse “Olha, só que eu acho que é o seguinte: tem que ser o Arlindo”. Aí eu dizia “Pombas, mas eu acho o seguinte: o Arlindo, eu gosto muito dele, mas eu acredito mais no potencial do Arouca, e tal, por causa das influências que ele tem fora do Brasil, São Paulo”... coisas de conversa desse tipo, fecharam comigo uma posição e aí o que foi feito, (outros também trabalhariam) e eu trabalhei, como presidente do Conas eu reuni e peguei as assinaturas de todos os secretários do Brasil para a indicação, mesmo os da Arena, por causa de facilidades, porque ninguém conhecia, quem era o Arouca, era da Fiocruz, eu ia lá pedir e foi assim que foi feito o nome dele. Outros do Partido Comunista certamente atuou e todo mundo atuou, pegamos umas assinaturas significativas, entendeu?

Sergio: Pois ora, eu acho que tem uma história anterior a isso, que é o seguinte, eu acho que isso é o negócio do partidão que escolheu o Arouca para ser o [presidente]...

Eduardo: Ele estava na (?)...

Sergio: Calma! Ouve, antes da Presidência. Eu estou falando que quando ele vem para o Peses, tem o conflito lá e vem para cá, ele escolhe... o projeto dele é dos departamentos de medicina preventiva no Brasil, ele e o Caniço saíram de departamento em departamento, no Brasil inteiro, fazendo-se conhecido. Depois disso quando ele sai, vai para a Nicarágua e ir para lá era...

Nilson: Era uma supervitrine né?

Sergio: Vitrine, era Nicarágua naquele tempo...

Eduardo: Nicarágua com a Opas, né?

Sergio: Sim, ia para a Nicarágua ganhando em dólar, era uma beleza, inclusive.

Eduardo: Eu estive lá depois.

Sergio: Então veja, o que eu quero dizer é que na verdade ele foi ungido...

Nilson: Foi uma construção.

Sergio: Foi uma construção que foi feita ao longo do...

Eduardo: Isso é verdade, mas é parcial.

Sergio: Qualquer verdade é parcial, como você acabou de dizer também.

Eduardo: Eu não estou falando de uma visão assim. Estou em contato direto e as coisas que a gente discutia. Para ter um exemplo, isso aí ficou na minha memória, (porque a ideia de um único ministério e estatuto) surgiu em [19]68 na Faculdade de São Paulo. Teve uma grande questão, teve um quebra-pau lá e quem me contou essa história do quebra-pau dentro da Faculdade foi Gentile. E aí surgiu a proposta de um único ministério, mas aquilo pegou todo mundo, na verdade todos sanitaristas. Até o Maneco Ferreira dizia que era o muro da vergonha que separava o Ministério da Previdência e da Saúde, até Maneco Ferreira. Isso foi em [19]68, um clima de agitação, porque tinha que juntar os ministérios e tem uma única coisa... aí tem uma outra história que eu estou pesquisando e não interessa falar agora. Um dia começa a ideia de universalização. O que aconteceu em seguida a essa história, depois que o Arouca vem aqui e nós tivemos uma reunião, eu acho que alguém que vinha fazer uma palestra, nós dois sentados um do lado do outro e o cara falando o negócio da unificação da saúde e previdência e eu disse ou eu perguntei para o cara, uma coisa assim, o Arouca disse “acha que é a favor de um único ministério?” e ele disse “sou” ele disse “eu tenho que pensar sobre isso, nunca pensei sobre isso, de juntar”. Porque o Arouca estava arrumando a ideia de departamento (?) pé que era um movimento médico, nada de sanitarista. Ai ele veio com essa história de médico preventivo, isso depois de atrair esse projeto ele assumiu que era sanitarista, era melhor que ser médico preventivo. Essa história, quero dizer, foi progressiva e ele falava muito de uma coisa... ele nunca... quando ele iria pensar que ele virou mesmo personagem político de verdade quando chegou aqui, porque foi aqui que deu a possibilidade de ser...

Sergio: Sem engano, não tenho dúvida.

Eduardo: Ele falava “poxa, Eduardo...

Nilson: Eduardo, o quê chama a atenção... eu vou pegar o personagem, o que o Arouca faz é a difusão de uma ideia de política, principalmente, a agenda de um sistema único de saúde a partir de uma base teórica completamente estranha a essa agenda, digamos assim, social democrata. Porque na verdade o trabalho dele, a posição intelectual até chegar aqui estava em trânsito intelectual do marxismo ortodoxo um pouco que captura, que eu me lembro, com a leitura marxista. O marxismo estruturalista que não pensa as instituições, nem pensa a formação de políticas, é um paradoxo. Então ele faz todo o ambiente político, eu reputo o seguinte, o papel do Berlinguer e todo o debate italiano sobre a construção do sistema nacional de saúde que é uma novidade. O Berlinguer traz a experiência italiana de saúde... porque a Itália estava passando em [19]76 por reformas, colocando a questão de direito e da universalidade, tem uma influência (que nas minhas pesquisas é) subjetiva, trouxe palavras, concretamente, digamos assim, uma

questão de você dar um caminho conceitual, **de corpo**. Agora, a despeito de toda posição intelectual hiper-crítica, marxista e que na verdade não tinha a percepção do momento histórico da coalizão. Agora, tinha um partido, eu acho, um partido que tinha uma visão de coalizão com o centro, com o centrão, se é que se pode falar assim, muito clara. Então o partido conseguiu colocar uma ideia de fazer um sistema de saúde que foi o resultado de uma pactuação com essa capacidade conservadora. As pessoas não podem, pensando e olhando essa conjuntura, achar que o que se passou com a agenda do SUS foi uma construção pela esquerda. Foi uma pactuação onde entrava todas...

Eduardo: Centrão.

Nilson: O diálogo muito mais complexo, porque talvez a grande questão do presente em relação ao SUS é que os sanitaristas, hoje, em 2015, acham que eles podem fazer um sistema de saúde a partir da esquerda, a partir de uma coalizão à esquerda, tá? Sem dialogar com o centro, perdeu, não consegue. Não tem como, na verdade não é isso?

Sergio: Não é isso?

Eduardo: Estão dialogando com o centro, estão fazendo políticas com o centro dizendo que são de esquerda.

Nilson: Não, o importante é dizer e não fazer, né?

Eduardo: A gente acompanhou isso aí...

Nilson: Dizer, na verdade, é uma construção simbólica, você vai nos eventos da saúde coletiva, de modo geral, são eventos hiper-esquerdista e as pessoas são impedidas de falar...

Eduardo: Mas na realidade não existe e quando eles vão praticar, eles são mais que centrão, quando eles vão às reuniões...

Nilson: É um radicalismo, eu sei, eu acho que as ideias constroem a realidade da política, não é prática, está claro? Se não formula para dentro da... um pouco a ideia do paradoxo na instituição... nossa experiência aqui nesse período um pouco... **A Escócia que é muito favorecida por esse processo. Ela de fato nesse momento recebe um impulso de modernidade que faz uma ruptura de paradigma. E, portanto, as gerações que tiveram essa possibilidade de conviver com isso... são expostas, há uma convivência da democracia recém-conquistada que foi crucial para essa trajetória virtuosa até os dias atuais.**

Sergio: Nilson, é o seguinte, a gente precisa considerar também que simultaneamente ao Peses/Peppe aconteceu o Vinicius da Fonseca na Presidência [da Fiocruz], quero dizer, um economista que vem com a política... uma coisa que a gente poderia ter falado que na verdade vem lá atrás, toda essa história começa com a reação do Geisel aos anos do Médici e uma crítica da esquerda, de todo mundo na verdade, a uma política concentracionista do Delfim e o que o Geisel faz na maneira militar? Destaca quem vai fazer isso, quem vai fazer a redistribuição e a redistribuição não seria feita através da redistribuição de renda, de salário, mas sim de benesses...

Eduardo: Foi ao que a gente chegou.

Sergio: Enfim, entrou um dinheirão para a saúde nessa época. O Vinicius vem para cá comum dinheirão e gasta, então houve uma modernização, é o mesmo movimento.

Nilson: Eu concordo totalmente.

Eduardo: Eu queria uma coisa dos pedaços aí que vão se perdendo no caminho dos diálogos, por isso naquela hora eu tentei intervir. Eu acho importante esse negócio que em outro momento eu não lembraria para contar para vocês. (?) Eu participei na Itália daquela reunião dos... vamos chamar assim, do CGIU, que era médicos marxista do mundo, fui naquela reunião que tinha representantes do Brasil que era composta basicamente Arouca, Ana Marina Tambelini, Hésio, Reinaldo Guimarães, eu, não sei se tinha mais alguém, mas esses eu me lembro, pelo menos foram todos os que falaram, entendeu?

Nilson: Fantástico, isso é uma informação incrível. (risos)

Eduardo: Uma semana lá internado no CGIU

Nilson: Em que ano?

Eduardo: Tinha africanos, suecos...

Sergio: Em que ano foi isso?

Eduardo: [19]79 e onde nós conhecemos esses personagens, eu sempre gosto de contar essa história porque ela é cômica, eu acho que ele nunca foi gravada, mas ela é cômica. Por razões de afinidade, evidente que tinha duas camas em cada quarto, era um alojamento

Nilson: Aquele método arcaico de reunir todo mundo.

Eduardo: (?), tudo bem, mas era um seminário com uma programação que não importa muito, mas aparece muito essa história, aparece muito o Arouca, a sonoridade dele... eu acho que era menos pelo que ele fez, mas era uma pessoa, evidentemente, agradável e dormir juntos era natural, ficamos eu e o Arouca no mesmo quarto e tivemos aí, vale a pena, mas eu não vou contar agora essa história, deixo para outras participações, tanto a do Berlinguer quanto a do...

Nilson: Do Garcia?

Eduardo: Não, do cara da psiquiatria.

Nilson: Basaglia?

Eduardo: Basaglia, que tiveram no seminário e até debatemos com ele e tal, mas o que importa eu dizer é o seguinte, quando você traz a história da reforma italiana eu acho que todo mundo deveria conhecer e eu vou explicar as coisas só por esse episódio que aconteceu de noite no quarto. Chegou a hora de dormir, eu numa daquelas duas ali e o Arouca daquele jeito assim, deitou na cama e eu sentado na mesa, porque tinha uma mesa, e eu queria ler o texto da constituição italiana, o capítulo da saúde, era um livreto sobre a reforma sanitária italiana. Nós tínhamos ouvido falar, os dois, e não tínhamos sabido do resto. A única visão que nós tínhamos era a visão comunista, só que tinha no público médico dos marxistas que tinha lá, um outro italiano que era do Partido Socialista, que apesar de marxista não era do Partido Comunista e tinham atritos, **divisão das coisas**. E eu aproveitei para conversar com ele, porque eu já estava em outro caminho, já estava assim em uma coisa, entendeu, um outro modo de ver as coisas...

Nilson: Estava costeando o alambrado como diria o velho...

Eduardo: Tinha costeado há mais tempo, tinha uma visão mais crítica. Nesta semana nós fomos na reunião do jornal, como era o nome do jornal junto com os italianos?

Sergio: *L'Unitá*.

Nilson: *L'Unitá*.

Eduardo: *L'Unitá*. Fomos no seminário do *L'Unitá*., do compromisso histórico, aquela coisa toda, e os trabalhadores putos da vida, e depois aquela coisa dos caras quererem se misturar com o pessoal da social democracia e assistir esses debates era... bom, e por muita coisa na...

Sergio: A história do Arouca, como é que é? Começou e parou.

Eduardo: Pois é, eu vou contar agora, mas só (1:00:24) tenho que falar que na saída de lá, mas antes de sairmos para a Inglaterra, eu e o Arouca continuávamos a viajar juntos e ele foi ficar na minha casa lá na Inglaterra e tal, mas antes nós paramos no... ele não quis ir no Partido Comunista Inglês porque eram stalinistas e eu tinha uma grande amiga e as vezes eu ia nas reuniões só para conhecer aqueles malucos lá. Mas nós paramos ali e fomos na festa do Partido Comunista Francês, que era também no jornal *Humanité*, que era uma festa maravilhosa, num parque diferente do italiano, um sucesso, eles estavam vibrando, estavam bem de vida, a coisa lá era muito diferente, só para dizer que a gente viu essas coisas juntos. Quando chegou no....

Nilson: Você estava no quarto lendo....

Eduardo: Estava lendo a reforma sanitária e eu começo ler e não entendia, era em italiano, não entendia e eu disse “Porra, Arouca, a gente...” e ele lá estava apaixonado pela Sara Escorel, mas ainda não estava com ela e começou a falar na Sara Escorel, que tinha uma garota, que não sei o quê, estava meio apaixonadão, pensando nela e enquanto isso a Ana Maria... não interessa.

Sergio: Que estava separada...

Nilson: Ai você está lendo lá o...

Eduardo: Não entendo nada de italiano, né? Aí o Arouca disse assim “Você entende tudo o que os caras falam” “e quando pegar isso para ler... italiano eu não entendo nada” aí ele disse assim “Eduardo, lê em voz alta que tu entende”, eu dei gargalhada e tal, só que na verdade eu pensava em ler em voz alta e eu não li tudo e trouxe para casa, para aqui ler tudo aqui. Aqui não, lá na Inglaterra e eu acabei lendo. Porque essa história interessa, porque a visão que trouxeram da reforma sanitária italiana é a visão do que o Partido Comunista conquistou, se desinteressaram pela maior conquista da reforma italiana que jamais foi falada aqui no Brasil, que foi exatamente a atenção à estrutura primária, tipo a estrutura do modelo inglês baseada na entrada e que organizava todos os países europeus na época seguindo o modelo inglês. A grande questão que houve na Itália, da reforma sanitária e que a população aderiu não é nada da que veio para aqui, foi tudo uma coisa não lida e não ouvida por essas pessoas que trouxeram a reforma sanitária, a leitura comunista. Não vai ver em nenhum lugar na leitura dos comunistas a coisa mais importante. Como é que vai falar da desospitalização psiquiátrica se não tiver uma estrutura de atenção primária próxima às pessoas que o cara esteja atendendo, etc.? Não existe possibilidade. Então aqui não entrou. Todas as constituições marcaram, a saúde portuguesa, espanhola, italiana pelo menos numa época, sueca, que era no ano interior, todas estruturaram o sistema de

saúde nessa base, que foi desconhecida no Brasil, estruturou a primeira reforma psiquiátrica sem ter assistência primária, e por aí foi. Quis fazer uma reforma com cara no trabalho e separou o trabalho da saúde porque ela tinha lógica própria, segundo o Partido Comunista não estava no mesmo princípio da medicina em geral. É só pra lembrar isso. **Isso houve para a gente e não trouxe reforma para o Brasil.**

Nilson: É só uma interpretação, acho que tem uma leitura. O que surpreende é que na nossa interpretação intelectual a ideia da reforma sanitária e a ideia de você pensar o pensamento público universal etc., com bases fiscais foi uma espécie de raio em um dia de sol, porque, na verdade, não está na nossa cultura técnica. A coisa que mais chama a atenção, se você pensar o Pese/Peppe em relação à Constituição de [19]88, é que em um período muito curto se introduziu termos, categorias jurídicas que estão na Constituição que nossa produção intelectual nunca chegou perto, foi um processo de difusão de política. Se correto ou incorreto, não... Assim, o passado é passado não dá para refazer, de qualquer maneira foi um processo de difusão política. Eu acho que foi incorporado no país, inclusive a linguagem, eu acho que foi uma coisa importantíssima, foi um processo de autores que talvez não estivessem conscientes do que fizeram, porque na verdade isso se refletiu depois. Me chama a atenção, e você está correto em relação à produção intelectual do Sérgio Arouca, basicamente o livro, a tese de doutorado, que é uma tese que pouco toca nesses assuntos de reconstrução do sistema. É uma tese com uma leitura truncada, eu acho. Uma produção intelectual foucaultiana com uma pitada de marxismo, não tem uma agenda. Ele construiu quase uma tradição oral.

Sergio: Quase não, é uma tradição oral.

Eduardo: É uma tentativa de desconstruir o modelo do Levy Clark, basicamente da medicina preventiva de lá.

Sergio: Nós estamos com uma hora de entrevista.

Nilson: Como você está de agenda?